FLS 6551

Marx, cientista político

DCP/FFLCH/USP

Segundo semestre de 2025

segunda-feira, das 19 às 23h

Professor:

Jean Tible (jeantible@usp.br)

[versão inicial, programa ainda em elaboração]

O que os escritos de Marx, de seus artigos de 1842 até a Crítica do Programa de Gotha, de 1875, nos dizem sobre sua concepção da política? Existe um pensamento político marxiano? Se Marx não legou tratados de teoria política como Locke, tampouco sistemas de filosofia do Estado como Hegel, insistiu em alguns pontos-chave, tais como a opressão estatal, sua articulação com a exploração capitalista e os elos entre revolução, democracia e comunismo. Isso pode ser percebido nos seus mais variados escritos, nas polêmicas com Hegel e os jovens hegelianos, nos textos sobre os levantes revolucionários (1848, Comuna de Paris), nos debates do movimento operário e nas obras sobre a economia política. Um pensamento político múltiplo, levando a distantes e díspares compreensões, desde Bakunin e certos anarquistas que o taxaram de “socialismo de Estado”, até Hans Kelsen que considerava sua teoria política – assim como a de Engels – como um “puro anarquismo” (Sonia Dayan-Herzbrun), enquanto certos marxistas a resumiam à ditadura do proletariado.

Norberto Bobbio, em seu artigo “Existe uma doutrina marxista do Estado?” (1979), procurou e não encontrou uma teoria do Estado em Marx. Estava certo ao afirmar tal inexistência? Michael Hardt e Antonio Negri, em *Trabalho de Dioniso*, contrapõem tal perspectiva pensando não num exercício de filologia marxista, mas situando Marx numa “crítica prática ao direito e às instituições do Estado a partir do ponto de vista do movimento revolucionário”. Toma forma, assim, não exatamente uma teoria marxista do Estado, mas um questionamento radical do estatal. Desse modo, “o ponto de partida para uma crítica marxista do Estado é expresso em termos negativos”, (Hardt e Negri, 1994), lembrando a definição de comunismo presente em *A Ideologia Alemã*.

Um fio condutor da leitura aqui efetuada de Marx situa-se no vínculo entre sua teoria e as lutas. A força e a especificidade de Marx e seu pensamento vêm de seu contato constante com as lutas e, mais, de sua capacidade de transformação com estas. Seus momentos de mudanças coincidem com certos acontecimentos. Isto está presente nas lutas anticoloniais, na comuna rural russa e na organização política iroquesa tal como trabalhada por Lewis Henry Morgan. São igualmente fortes os impactos de 1848, 1871 e dos seus sucessivos exílios. Marx é o pensador das lutas. Ao responder ao Questionário Proust para sua filha, Marx define como sua ideia de felicidade, lutar, e de miséria, a submissão e servilidade.

Neste mesmo espírito, José Aricó (*Marx e América Latina*) escreve, pensando em Rosa Luxemburgo, que “a forma teórica revolucionária do marxismo é o resultado de sua conexão com o movimento revolucionário real”. Desta forma, “a teoria marxista da luta de classes é, ela mesma, luta de classes”, sendo “apenas um modo de fazer teórico daquilo que o movimento histórico real da classe proletária realiza na prática”. A crítica de Marx da filosofia, na primeira metade dos anos 1840, e sua ruptura com os jovens hegelianos

de esquerda é decisiva. Em uma das cartas que troca com Arnold Ruge a respeito dos planos que ambos faziam para os Anais franco-alemães (1843), Marx diz não querer antecipar dogmaticamente o novo mundo, mas encontrá-lo a partir da crítica do antigo. Questiona, assim, a solução dos filósofos e propõe que o jornal seja a “autocompreensão (filosofia crítica) da época quanto a suas lutas e aos seus desejos”.

Marx opõe, desta forma, a um conhecimento e crítica externos (seja racionalista, seja utopista), uma crítica imanente do presente. Marx indica uma insatisfação com os filósofos pela sua incapacidade de dar conta da prática e pensa numa inversão teoria/prática, criticando a autonomia e transcendência que dá a si mesma a filosofia e que acaba limitando-a. A insurreição dos tecelões de junho de 1844 na Silésia o levou a uma “reviravolta teórico-prática” (Michael Löwy), a partir de uma indicação concreta das potencialidades revolucionárias proletárias. Os filósofos não mais são os guias da ação e Marx passa a ver o proletariado não como elemento passivo, mas sim ativo. Nesse sentido, em *A Ideologia Alemã*, Marx definirá não a crítica, mas a revolução como força motora da história, pensando as mudanças a partir da interação produtiva dos homens, nas relações de produção; a consciência é analisada a partir da prática.

Para o crítico literário indiano Pranav Jani (2002), “tais mudanças conceituais, produtos da relação dialética entre teoria e luta de classes no marxismo” são cruciais. Jani faz, assim, um paralelo entre o papel da Revolta indiana de 1857 para as ideias de Marx sobre o colonialismo e o da Comuna de Paris no que toca à sua teoria do Estado. Em suma, trata-se de “um pensamento em movimento, que parte das lutas reais dos oprimidos e que se enriquece com suas experiências revolucionárias” (Michael Löwy), alimentando-se de lutas e problemas específicos. Desse modo, “o conteúdo de seu pensamento não é separável de seus deslocamentos. É por isso que não se pode, para estudá-lo, reconstituir abstratamente o seu sistema. É preciso traçar a sua evolução, com suas rupturas e bifurcações” (Étienne Balibar).

Um Marx nos tempos atuais, como na leitura de Friedrich Engels que, no prefácio de 1888 ao *Manifesto Comunista*, enfatiza o envelhecimento e a historicidade do pensamento de Marx e do seu. Neste âmbito, Jacques Derrida (1997) meditou sobre a herança de Marx – o marxismo – como uma tarefa, não como algo dado. Pergunta o filósofo francês “que outro pensador jamais alertou seu leitor nesse sentido tão explícito?” e “quem jamais clamou pela transformação por vir de suas próprias teses? (...) E acolheu antecipadamente, além de toda programação possível, a imprevisibilidade de novos saberes, de novas técnicas, de novas conjunturas políticas?”

Nesse contexto se situa a proposta de ler Marx a partir de três debates contemporâneos: a questão do auto-governo; a lógica da propriedade do solo e as existências dos povos da terra; a emergência climática e desafios para a sobrevivência.

18 de agosto
abertura
pesquisa e/é luta

Carta de Marx a Arnold Ruge, setembro de 1843.

Karl Marx, “Enquete operária” em *La Revue socialiste*, 20 de abril de 1880.

Asad Haider e Salar Mohandesi. “Enquete Operária: Uma Genealogia”, *Viewpoint Magazine*, 27 de setembro de 2013 (tradução passapalavra).

José Carlos Mariátegui. “Aniversário e Balanço” (1928) em Michael Löwy (org.). *Por um*

socialismo indo-americano: ensaios escolhidos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
Mao Tse-Tung. *Oposição ao Culto de Livros*, maio de 1930.
Toni Negri. “Que a eternidade nos abrace”, *Jacobina*, 5 de janeiro de 2024.
André Breton e Leon Trotsky. *Manifesto por uma Arte Revolucionária Independente*, 25 de julho de 1938.
E. P. Thompson. “Prefácio” em *Formação da classe operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2004 [1963].
Ernest Mandel. *Temos que sonhar: a antecipação e a esperança como categorias do materialismo histórico* (1978).
Frantz Fanon. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968 [1961].

primeira parte criações políticas

25 de agosto

comuna de paris, democracia proletária

Karl Marx. *A guerra civil na França*, maio de 1871.
Kristin Ross. *Luxo comunal: o imaginário político da Comuna de Paris*. São Paulo, Autonomia Literária, 2021.
Comitato Operaio di Porto Marghera. “Recusa do trabalho” em *Quaderni dell’organizzazione operaia*, Porto Marghera, nº 1, 1970.

complementar:

Edith Thomas. *Les “pétroleuses”*. Paris, Gallimard, 2021 [1953] [tem uma edição estadunidense].
Karl Marx. Crítica à filosofia do direito de hegel. São Paulo, Boitempo, 2010 [1843]. [Parte 2 – A Constituição (§§ 272-286)]
_____. *Crítica do Programa de Gotha*. São Paulo, Boitempo, 2012 [1875]. [partes III e IV]

1 de setembro

experiências de auto-governo operário

Projeto Memória da OSM-SP. *Democracia Operária e Comissão de Fábrica: 40 anos da Comissão da ASAMA (1982-2022)*. Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas (IIEP), São Paulo, Coleção Arquivo da OSM, 2, 2022.
“Comissão de Fábrica da ASAMA - Projeto Testemunhos 2022”. IIEP Projeto Memória.
Peter Winn. *Weavers of Revolution: The Yarur Workers and Chile's Road to Socialism*. Oxford University Press, 1989.

complementar:

Karl Marx. *O Capital*, 1867 [capítulo 13 Maquinaria e grande indústria].
William Morris. “A Factory As It Might Be”, *Justice*, abril-maio-junho de 1884 e “The Worker’s Share of Art,” *Commonweal*, Vol I, No. 3, abril de 1885.
Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (v.5). São Paulo, Editora 34, 1997 [1981] [1227 - Tratado de nomadologia].

8 de setembro

a longa tradição subversiva dos povos da terra

Troca de cartas entre Karl Marx e Vera Ivanovna Zaslitch (1881) em Michael Löwy (org.) *Lutas de classes na Rússia*. São Paulo, Boitempo, 2013.

Josué de Castro. “A reivindicação dos mortos” (1975) em Bernardo Mançano Fernandes e Carlos Walter Porto Gonçalves (Orgs.). *Josué de Castro: vida e obra*. São Paulo, Expressão Popular, 2007.

Lourdes Maria Bandeira e Neide Miele (orgs.). *Eu marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira*. São Paulo, Expressão Popular, 2025 [1997].

Thomas Müntzer e Michael G Baylor. *Revelation and Revolution : Basic Writings of Thomas Müntzer*. Bethlehem, Lehigh University Press, 1993.

complementar:

Clóvis Moura. *Sociologia política da guerra camponesa de Canudos: da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST*. São Paulo, Expressão Popular, 2000. [Capítulo 2 – Antônio Conselheiro: um abolicionista da plebe].

Richard Price. “Palmares como poderia ter sido” em João José Reis e Flávio dos Santos Gomes (orgs.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

Walter Benjamin. “Teses sobre o conceito de história” (1940) em Michael Löwy. *Walter Benjamin, aviso de incêndio*. São Paulo, Boitempo, 2005.

segunda parte

terra e liberdade

21 de setembro

um território cosmopolítico na metrópole **[domingo – dia na Kalipety]**

Jera Guarani. “Tornar-se selvagem”. *Piseagrama*, n. 14, p. 12-19, jul. 2020.

Jera Guarani e Lucas Keese dos Santos – Ruka. “Tenondé Porã – Autonomia e Diversidade”, *Teia dos povos*, 4 de fevereiro de 2025.

Jera Guarani, Manuela Carneiro da Cunha, Lucas Keese e Karen Shiratori. “Misturado igual a gente”. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, 24 fev. 2025.

Lucas Keese dos Santos. “A diversidade no território: incorporação da diferença e compartilhamento em retomadas guarani mbya”, *Revista de Antropologia*, v.68, 2025.

complementar:

Manuela Carneiro da Cunha. “Povos da megadiversidade: o que mudou na política indigenista no último meio século”, *Revista Piauí*, n. 148, janeiro de 2019.

Habitantes da ZAD, Notre-Dame-des-Landes. *Tomar a terra*. São Paulo, Glac, 2021 [2019].

29 de setembro

modo de produção-vida do cotidiano da terra

Antônio Bispo dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo, Ubu e Piseagrama, 2023.

Aleksandr Vassilievich Chayanov. “Teoria dos sistemas econômicos não capitalistas” (1924) em Horacio Martins de Carvalho (org.) *Chayanov e o campesinato*. São Paulo, Expressão Popular, 2014.

Maria Mies e Vandana Shiva. *Ecofeminismo*. Belo Horizonte, Editora Luas, 2022 [1993].

[conclusão – A necessidade de uma nova visão: a perspectiva da subsistência]

complementar:

Joelson Ferreira de Oliveira. Políticas da terra. Memorial sobre a vida e a obra do mestre Joelson Ferreira de Oliveira apresentado ao NPGAU - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG com vistas à obtenção do título de doutor por reconhecimento de Notório Saber, 2020.

6 de outubro

Proudhon e Marx contra a propriedade da terra

com Cassio Brancaloneo

Pierre-Joseph Proudhon. *O que é a propriedade? ou Pesquisa sobre o Princípio do Direito e do Governo*. São Paulo, Martins Fontes, 1988 [1840]. [capítulos 1 e 2]

Karl Marx. *Os despossuídos: debates sobre a lei referente ao furto de madeira*. São Paulo, Boitempo, 2016 [1842].

complementar:

Gaya Makaran e Cassio Brancaloneo. *Alebrijes anárquicos: anarquia, práxis anticolonial y autonomía en América Latina*. Bajo Tierra, Editora UFFS, 2024. [Capítulo III. ¡¡Alebrijes, alebrijes, alebrijes!! El Partido Liberal Mexicano y los anarcosindicalistas de poncho y ojotas]

Georges Gurvitch. *Proudhon et Marx: une confrontation* (cours public 1963-64).

terceira parte

“onde a lama é insurreição”

13 de outubro

espectros da luta contra o povo da mercadoria

Davi Kopenawa e Bruce Albert. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015 [2010]. [cap. 19 Paixão pela mercadoria].

Karl Marx. “O Fetichismo da Mercadoria e o Seu Segredo” em *O Capital: crítica da economia política* (livro 1: o processo de produção do capital). [1867].

complementar:

Marisol de la Cadena. “Natureza incomum: histórias do antrope-cego”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 69, p. 95-117, abr. 2018.

Jacques Derrida. *Espectros de Marx: o Estado da dívida, o luto do trabalho e a nova Internacional*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994 [1993].

20 de outubro

vida-luta-natureza

Andreas Malm. *Capital Fóssil: a ascensão do motor a vapor e as raízes do aquecimento global*. São Paulo, Elefante, 2025 [2016].

Nick Estes. *Our history is the future: Standing Rock versus the Dakota Access Pipeline, and the Long Tradition of Indigenous Resistance*. Londres, Verso, 2019.

Denise Ferreira da Silva. “On heat”, *Canadianart*, outono de 2018.

complementar:

Cara Daggett. "Petro-masculinity: Fossil Fuels and Authoritarian Desire". *Millennium*, 47(1), 2018.

Glen Sean Coulthard. *Red skin, white masks: rejecting the colonial politics of recognition*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2014.

John Bellamy Foster. "Marxismo e Ecologia: fontes comuns de uma Grande Transição", *Lutas Sociais*, São Paulo, vol.19 n.35, p.80-97, jul./dez. 2015.

Karl Marx. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo, Boitempo, 2004 [1844].

Kohei Saito. *O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política*. São Paulo, Boitempo, 2021 [2017].

3 de novembro

sobrevivência

Rosa Luxemburgo. *Cartas* (organização de Isabel Loureiro). São Paulo, Unesp, 2017.

Charlotte Delbo. *Auschwitz e depois*. São Paulo, Carambaia, 2022 [1965-1970].

Débora Maria da Silva. "Do luto à luta: Débora Maria, mãe de Rogério" em André Caramante (org.). *Mães de Maio: dez anos dos crimes de maio de 2006*. São Paulo, Editora nós por nós, 2016.

complementar:

Frederik Douglass. *Autobiografia de um Escravo*. Belo Horizonte, Vestígio, 2021 [1845].

Sarah H. Bradford. *Harriet: the Moses of her people*. Nova Iorque, Geo. R. Lockwood and Son, 1886.

Miriam Duarte Pereira. *AMPARAR – os efeitos e impacto da política prisional no cotidiano das mulheres familiares de encarcerados/as. Ser família de preso é crime?*, Dissertação de mestrado em políticas públicas, UFABC, 2025. [no prelo, editora Igrá Kniga].

10 de novembro

debate de encerramento: ciência e política, Marx

ao ar livre – na casa líquida

com Lincoln Secco e Silvia Adoue